



ATA DA REUNIÃO PLENÁRIA 04/2016

Aos vinte dias do mês de maio de 2016, às quatorze horas e trinta minutos, na sala 05 do Campus FURG-SAP, reuniram-se em plenária, sob a presidência do Diretor do Campus, prof. Antônio Luís Schifino Valente, os seguintes **servidores**: Amanda Coelho Alfaia, Andréa Edom Morales, Camila Gamino da Costa, Carla Eliete Iochims dos Santos, Carla Weber Scheeren, Cassiano Ranzan, Claudia Maria Gomes da Cunha, Cynthia Castiel Menda, Darlene Arlete Webler, Edson Cordeiro do Valle, Fernanda Trombetta da Silva, Fernando Kokubun, João Paulo Borges da Silveira, Jorge Estuardo Tello Gamarra, Juliana da Silveira Espindola, Lenise Guimarães de Oliveira, Lizandro Mello Pereira, Luciano Silva da Silva, Marcelo Escobar Aragão, Marcelo Silveira Badejo, Márcia Helena Scherer Kurz, Neusa Fernandes de Moura, e Roberto de Souza Gomes da Silva; e as **representantes discentes** Mariana Gomes, Vitória de Paula Assis (Diretório Acadêmico das Engenharias Agroindustriais) , Ana Carolina Mohr e Eliza Vargas Medina (Diretório Acadêmico das Ciências Exatas), **com a participação, a convite, do Diretor do Campus de São Lourenço do Sul (FURG-SLS), prof. . Eduardo Saldanha Vogelmann**. Saudando os presentes, o senhor Diretor inicia a reunião pedindo desculpas pelo atraso em virtude da dificuldade de transporte, mencionando que o professor Eduardo também ficou inclusive sem almoço a fim de atender com o início mais rápido da reunião. Menciona que está havendo o trabalho da Universidade para a normatização dos campi fora da sede, e a vinda do professor Eduardo é interessante pra que se tenha um panorama da discussão do Campus de São Lourenço do Sul. Passada a palavra ao professor Eduardo, este se apresenta como professor dos quadros do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e diretor do Campus FURG-SLS desde o ano passado quando iniciaram os mandatos nos três campi fora de sede; menciona que mês passado já houve a visita do pessoal lotado no IMEF ao Campus FURG-SLS para discussões deste grupo lotado nos Campi. Em seguida, apresenta o organograma da estrutura organizacional do Campus FURG-SLS, onde ligados à Direção estão a Administradora, três Assistentes em Administração e mais estagiários; neste Campus há pessoal lotado em oito Unidades Acadêmicas distintas, preponderando as três iniciais que têm cursos (ICB, IO e ICEAC) e demais unidades com representações menores, tendo em vista que o Campus é interdisciplinar; e há no Campus ainda a parte operacional dos técnico-administrativos e terceirizados de setores como informática, biblioteca, portaria, vigilância, e setores como a PRAE com aporte de pedagoga, assistente social, intérprete de libras, psicóloga; sendo a Direção ligada à Reitoria, o restante da estrutura deve ser muito semelhante à daqui. Prosseguindo, estabelece a discussão sobre qual deve ser a idéia da estrutura dos campi fora de sede, colocando que a primeira idéia é pensar como se desenha o organograma dos campi; portanto adotou por método trazer organogramas de outras instituições de ensino superior, pois há modelos bem diversos, sendo todos modelos para que possamos nos espelhar e pontuar a discussão. Pergunta aos presentes se alguém presente veio de outra universidade multicampus, ao que o professor Badejo menciona que trabalhou na UERGS em quatro de seus campi, e o professor Hugo é lembrado por ter vindo da UNIPAMPA. Retomando, o professor Eduardo informa que esse mês recebemos nas universidades o Decreto 8.754 que limita a autonomia dos campi fora de sede no intuito de que estes os campi não se transformem em novas universidades; nesse processo de desenhar uma estrutura, não poderemos portanto instaurar uma unidade nova que faça gerenciamento de folha de pagamento e aquisição de patrimônio, etc, mas poderá ser autônoma no sentido de dar mais margem para seu funcionamento, até por conta da distância do campus sede, que é a maior no Campus FURG-SAP. A seguir, ilustra que a UNIPAMPA já nasceu multicampi e traz um estudo de seus dois campi de Alegrete e Jaguarão; efetuando seu estudo de caso, havia constatado que a maioria das IFES estão discutindo a questão dos campi fora de sede e quem está mais avançado nisso é a UFSM; a grande dificuldade é encontrar universidades que tenham uma estrutura de unidades similar à da FURG, mas como não iremos mudar nossa estrutura, temos de adaptar a discussão aos tópicos existentes, sendo que o grande ponto dessa discussão é saber onde serão alocados ou lotados os servidores. Retomando a análise da UNIPAMPA, num primeiro

momento veio com força a idéia de estruturar interdisciplinarmente estes campi, onde os dois seguem um padrão; as nossas similaridades para com o campus Alegrete, mostradas na projeção em tela, se afirmam com a idéia de instaurar o Conselho de Campus, que já foi pensado também no Campus FURG-SLS; outro ponto sensível é o debate sobre as funções gratificadas e cargos em comissão (FG e CC), que hoje são bem poucas, e há necessidade disso para que se dividam as tarefas de chefia, inclusive em licenças e férias dos titulares. Prossegue, indicando que a grande maioria dos campi avaliados apresenta o modelo do Campus Alegrete que é tripartite com uma Direção, uma Coordenação Acadêmica e uma Coordenação Administrativa, todas subordinadas ao Conselho do Campus; na Coordenação Acadêmica, ficam os técnicos de laboratórios ligados ao Campus, e a Coordenação funciona como departamento, sendo também onde ficam lotados os professores; avalia essa medida com a analogia de que fosse ele um docente que dá aula para vários cursos, haveria esse problema como no Campus FURG-SLS de uma flutuação entre cursos que importa na indefinição de onde o docente deve ser lotado. Já para o Campus Jaguarão, acrescenta, a estrutura é um pouco mais simples, havendo menos cursos; lá também existem coordenações Acadêmica e Administrativa (ambas dotadas de FG), a Direção e acima de todos o Conselho do Campus, ficando os técnico-administrativos da área administrativa ligados à Coordenação Administrativa e os técnico-administrativos dos laboratórios à Coordenação Acadêmica. Passando à análise da estrutura dos Campi da UFFS, o professor Eduardo informa que esta já nasceu e se implementou como multicampi, ao que a professora Darlene observa que a UFFS foi incubada pela UFSC; prosseguindo, o professor Eduardo explana que lá existem uma Coordenação Acadêmica e uma Coordenação Administrativa, uma Assessoria de Comunicação, uma Secretária e uma Direção, sem a existência de um Conselho de Campus; o Diretor de Campus da UFFS recebe Cargo de Direção (CD 3) equivalente a de Pró-Reitor, sendo que na UNIPAMPA recebe CD4, inferior; essa questão tem sido uma bandeira de vários campi fora de sede, pois tem ocorrido de as universidades receberem CD e FG pela necessidade dos campi e não as distribuírem para além da sede; prosseguindo, a UFFS também adota a ligação dos docentes às Coordenações Acadêmicas e agrupados nos Colegiados de Cursos, sendo da escolha do docente em que colegiado quer ficar lotado; e acentua que hoje os Diretores de Campus não temna FURG nenhuma atribuição acadêmica, geridas todas pela Direção de Unidade e a situação de fato é que o Diretor de Campus atua apoiando fortemente a Unidade para a resolução informal das questões acadêmicas. Prosseguindo as análises, passa à UFRGS – Campus Litoral Norte, do qual levantou dados na internet; é um campus recente, que começou a operar em Tramandaí em 2014 e também está deslocado na informalidade da estrutura, assim como nós, o que gera muitos problemas concretos, como por exemplo o trâmite de pedidos de afastamento de Diretor para o exterior, que segue para a Reitoria e não para a Direção de Unidade, a inexistência de status dos Campi no Estatuto da Universidade, etc.; a UFRGS não prevê, da mesma forma, o Campus Litoral Norte dentro de seu marco estatutário, o que deixa esse campus flutuando em meio às unidades, e não há grande discussão de como se irá remediar essa situação; lá, o Campus possui Diretor, Vice Diretor e secretarias, bem como um departamento interdisciplinar, sob o comando de um Conselho; o professor Eduardo comenta também que já houve várias propostas no campus sede em Rio Grande para a adoção de uma saída que seria mais fácil, transformando os campi fora de sede em Unidade educacional, aí surgindo contudo a discussão de onde ficariam os servidores lotados. Aberta a palavra, a técnica Lenise indaga se transformar o Campus em Unidade não descaracterizaria o pactuado no REUNI que criou Campi e não Unidades; o senhor Diretor e o professor Eduardo respondem que esta é apenas uma questão de gestão interna e, mesmo que se crie a unidade, deve haver uma estrutura administrativa para gerir verbas, recursos humanos, etc que as atuais unidades não possuem. O professor Eduardo lembra que essa discussão é muito longa e que passou pela Comissão Especial, sendo o mais importante agora visualizar que essa estrutura agora sendo gestada deve permanecer pelo espaço de uma década ou mais, sem rediscussão, pois o que a Universidade almeja é que o Campus fora de sede adquira excelência e vida própria, e isso não engloba a comodidade da individualidade que se tem hoje em determinados segmentos, proporcionada pelo isolamento de suas chefias. Voltando ao levantamento feito, sobre a UFSC e seus campi de Curitiba e Joinville, é onde mais surge essa luta por qualificação do espaço e vinda de recursos, como no Campus FURG-SLS que sofre muito com a limitação que impede a implementação de mais cursos; na

UFSC, os campi são como institutos, possuindo departamentos. O senhor Diretor entende que o sentimento é de não haver influência da reitoria sobre a questão, e que a discussão está na comissão Especial para Estudo e proposição da estrutura organizacional definitiva dos campus fora da sede instituída que agora está num processo de ouvir os campus fora da sede. Retomando, o professor Eduardo ressalta a importância de que se tenha um processo de discussão não muito longo, mas que permita amadurecer as opiniões; ilustra que o campus Joinville da UFSC funciona ligado à reitoria, possuindo diretor e vice e uma subdivisão em vice direção administrativa e departamentos acadêmicos, não existindo Conselho, e os servidores estando ligados às coordenações; nesses Campi, não há a parte administrativa local como nos campi da UNIPAMPA, toda a parte administrativa sendo feita no campus sede em Florianópolis. O senhor Diretor coloca que na FURG seriam muito remotas as chances de vincular docentes às Coordenações de Cursos, pela própria estrutura estatutária já existente. O professor Eduardo prossegue, mostrando que o campus Curitiba da UFSC tem um Diretor com CD3 e Vice-Diretor com CD4, além de um diretor administrativo e dois departamentos acadêmicos, onde são lotados os servidores; como não há mais departamentos na FURG, cabe indagar então onde os servidores ficariam lotados, se na Direção ou em que ponto da estrutura; a nossa grande dificuldade, diz ele, é delimitar onde ficarão os docentes e os técnico-administrativos, especialmente os profissionais de setores específicos, como a PRAE e o NTI; e na UFSC, por exemplo, a falta de assistência da administração central tem sido um ponto sensível. No caso da UFSM, segue ele, os campi de Palmeira das Missões e Cachoeira do Sul, que são dos mais antigos e já estão bem estruturados, detêm características que possibilita a analogia com a estrutura da FURG, com unidades universitárias subdivididas em departamentos; o campus de Palmeira das Missões é o primeiro criado, contando com um Conselho, Direção e Vice, Secretarias Administrativa e Acadêmica, um Departamento de Pós-Graduação, e os Cursos separados dos Departamentos, os docentes lotados nos Departamentos; quando surgiu o Campus, a falta de FG e CD para todas as chefias levou à fusão de departamentos, como por exemplo, Administração com Economia, Ciências da Saúde e Ciências Biológicas, etc, o que, com o tempo, fomentou disputas internas que desaguaram em nova segmentação; o Campus de Cachoeira do Sul surgiu como uma proposta bem mais parecida com a da FURG, com Direção e uma Coordenadoria Acadêmica onde estão lotados os docentes. O professor Badejo indaga se há no horizonte algum entendimento para que na FURG se adote alguma estrutura de modelo diferente de diretor e administrador com funções amplas, ao que o professor Eduardo responde que deve ser discutido, pois hoje os Campi fora de sede não têm qualquer função acadêmica atribuída à direção, e não se sabe se a transformação em Unidade irá provocar tensões e disputas como na UFSM; a professora Carla Lochims coloca aos presentes que chama a atenção a fusão de tantas áreas diversas em uma unidade, como no IMEF que agrega a matemática, a física, a estatística, quando há outras instituições que possui estruturas bem mais segmentadas, pois mesmo entre os físicos há diversidade de posições e suas disputas, setores pouco afins do conhecimento quando aglomerados podem fomentar muita tensão entre todos. O senhor Diretor lembra que é muito pouco provável que a FURG volte a ter estrutura em departamentos, inobstante o fato de que é recorrente o comportamento de algumas partes da estrutura administrativa em que há decisões que são tomadas sem qualquer consulta ao Campus fora da sede. O professor Eduardo lembra que cada Campus tem uma realidade diferente, sob uma estrutura frágil e menciona a questão da representatividade, que entende como um problema em que se deve repensar a presença nos Conselhos Superiores, que hoje não prevêem regimentalmente a participação originária em CONSUN e COEPEA, exceto, de forma indireta, pelas Unidades. A professora Neusa questiona se haverá autonomia para propor a criação de cursos direto pelo Campus se este se transformar em uma Unidade; o professor Luciano entende que na verdade segue a dependência dos conselhos superiores e que pode se tornar mais difícil politicamente, por conta das disputas com as Unidades; a professora Carla Lochims questiona também, no sentido de que se haveria mais facilidade em situações como a criação de cursos, pelo fato de o Campus contar com organismos como um Conselho; o professor Eduardo opina que sem dúvida haveria um impacto maior numa manifestação oriunda de um Conselho do que de a de um Diretor; hoje é clara a dependência da vontade de alguma Unidade da sede em criar um curso no campus fora de sede, sempre pensando muito mais no bônus do número de docentes que seriam acrescentados à matriz da Unidade do que no desenvolvimento do campus em si; expõe

aos presentes as planilhas e fórmulas do cálculo da distribuição do orçamento da Universidade em 2015, explana que a Universidade recebe uma quantia pra operar a folha de pagamento e verbas que são rubricas específicas, sendo o grosso dessas verba oriundas do fundo de funcionamento das IFES e do REUNI; a verba dos campi é definida hoje arbitrariamente, com pauta em estimativas progressivas ano a ano, não havendo outra base de cálculo, não havendo o impacto de cada variável da matriz das Unidades para os campi, e contando a divisão igualitária em três da verba total dos campi; lembrando que cada rubrica não pode ser utilizada pra outro gasto (custeio ou capital), todas as unidades têm o mesmo fundo, que vem do fundo de funcionamento de IFES, sendo calculado quanto cada unidade recebe a partir das variáveis da fórmula (número de servidores, área de laboratórios, matrículas, produção de ensino, pesquisa e extensão) e apenas se tem implícito e aceite que quem tem de suprir os cursos dos campi são as Unidades. O professor Badejo indaga como unidades como o IO, com apenas dois cursos, tem orçamento tão superior à da EQA que tem oito, respondido pelo professor Eduardo que o peso de três variáveis - número de servidores, matrículas e área de laboratórios – é de 75% do total; o senhor Diretor menciona que está trabalhando com o técnico Lizandro em simulações dessa matriz de orçamento, com estimativas de recursos num cenário onde os Campi se tornem unidades, lembrando, contudo, que os Campi ainda contam com a responsabilidade de atender a demandas que as Unidades não possuem ou são supridas pelas Pró-Reitorias e Prefeitura Universitária, o que impende um valor extra a ser percebido pelos Campi fora de sede, e que o Pró-Reitor Mozart já afirmou em algumas ocasiões que o orçamento dos Campi fora de sede como está hoje é uma medida inicial e experimental, então ao longo do tempo terá de haver uma readaptação; o professor Eduardo lamenta que, no caso do Campus FURG-SLS poucas Unidades lá presentes componham o aporte de verbas necessárias e um hipotético cenário de consideração dos Campi como Unidades, sem outra fonte de verba, determinaria a inviabilidade financeira dos mesmos; a administradora Andréa informa que hoje os gastos do Campus FURG-SAP são bem maiores que os gastos puros de unidades com atividades letivas, englobando custos de manutenção, obras, serviços, etc, que nas unidades são providos esses custos pela Prefeitura e Pró-Reitorias; o senhor Diretor diz entender que está claro que as unidades não seriam favoráveis em perder um total significativo de docentes numa matriz orçamentária onde seu peso é quase 30%; a professora Carla lochims expõe que a preocupação da comunidade do Campus não deveria ser q ser com o que as Unidades perderiam, mas sim com o que o próprio Campus ganharia; sendo formadores de talvez uma nova Unidade, deve haver o debate sobre o que será bom para o campus FURG-SAP, o que será ganho saindo do âmbito das Unidades, ao que o senhor Diretor opina que a grande vantagem que pode haver é a aquisição do poder de decisão, para recursos orçamentários, humanos e projetos acadêmicos, ao que a professora Carla lochims lembra que as disputas mais acirradas são em torno dos recursos orçamentários e financeiros, e o senhor Diretor lembra que nesse caso haveria a discussão e decisão em âmbito interno, entre os pares e de igual pra igual. A professora Neusa pergunta se há o recebimento direto de verba para, por exemplo, uso de reagentes em sala de aula, ao que a técnica Lenise informa que o procedimento atual é o repasse pelos laboratórios da lista de compras para que a EQA compre, num total que ano passado se aproximou de setenta mil reais, e que se, por um lado, o Campus contribui muito em número de servidores para a matriz orçamentária da EQA, por outro há o déficit de muitas vagas ociosas em cursos, e a área de laboratórios não pode ser comparada, havendo, portanto, problemas que são locais, apenas do Campus FURG-SAP. A discente Eliza coloca que a produção acadêmica daqui é partilhada com as Unidades, e quem publica com docentes da EQA conta na produção do Campus Sede, o que deveria ser repensado. A professora Neusa salienta a importância de se pensar a manutenção do Campus, independente de qual vai ser o fundo ou a fonte orçamentária, ao que o senhor Diretor lembra que por mais que o Pró-Reitor tenha afirmado tantas vezes que o orçamento do Campus se manterá, é importante que se traga ao Campus alguém para detalhar este assunto e esclarecer tantas dúvidas de todos os servidores. O professor Fernando entende que existe uma diferença fundamental entre a existência de uma Unidade ou um Campus em Santo Antônio da Patrulha e que deve haver profundas discussões, pois como unidade isolada haveria muitas perdas; também indaga onde ficam pontuados na distribuição orçamentária as necessidades como a manutenção administrativa, da PRAE, entre outras; a isso, respondem a professora Carla lochims e o senhor Diretor que tem de haver o compromisso da PROPLAD em trazer

alguém ao Campus para elucidar todas essas questões para a plenária. A professora Neusa reforça que a aquisição de maior autonomia para a criação de cursos refletiria no aumento do número de matrículas e vagas ocupadas e, além disso, é premente a necessidade estratégica de o Campus FURG-SAP contar com mais voz ativa nos Conselhos que reflita num maior peso decisório. A discente Vitória lembra que diretório e alunos sabem que há um campus novo sendo construído que deve contar com verbas de custeio e capital para atender todas as demandas discentes. A técnica Cynthia indaga se com o aumento do prazo de discussão pela Comissão Especial haverá nova vinda destes ao Campus, ao que o senhor Diretor responde que o professor Piccoli reafirmou a disposição para tal, bastando o convite. O professor Eduardo comenta que o assunto todo tem de ser bem mais maturado nos Campi fora de sede. A técnica Camila refere que, por sua experiência no Campus sede antes da vinda para o Campus FURG-SAP, nas decisões que passam pelos Conselhos superiores tem sido raríssimo uma Unidade negar, não respeitar ou mesmo questionar com interrupção do processo qualquer pedido de outra Unidade; tanto COEPEA como CONSUN mesmo tendo discussões acirradas promovem principalmente ciência e aval dos temas, sendo improvável qualquer decisão de dentro de uma Unidade ou Coordenação ser contrariada pelos demais; portanto, se é o desejo da comunidade que no Campus FURG-SAP haja cursos novos, deve ser imprimida uma maior representatividade dentro das Unidades que determine maior facilidade nos debates do COEPEA, ao que o senhor Diretor concorda, entendendo que se o Campus FURG-SAP formar uma Unidade, essas decisões já sairiam com mais respaldo. O professor Luciano opina que hoje as Unidades não têm intersecção nas áreas do conhecimento e, por exemplo, se um curso de engenharia é solicitado ao COEPEA não é o C3 que vai interceder, mas se o Campus FURG-SAP formar uma Unidade, haveria disputa e negativa do pedido; o professor Fernando diz entender que se a administração superior da FURG deseja algo, passa nos Conselhos e pronto; a professora Juliana refere que como Unidade haveria problemas locais que seriam mais facilmente resolvidos, como as mudanças em QSL dos cursos, hoje de tramitação muito dificultada e sem que o Campus tenha voz para alterar os próprios cursos que oferta. A professora Neusa expressa que o interesse da comunidade do Campus é fazer com que ele cresça, o que deve desconsiderar o pensamento de Unidades isoladas e fora do contexto; o senhor Diretor refere que toda essa discussão faz parte do processo de criação própria de outra configuração de universidade, assunto muito novo e repleto de problemas diferentes para resolver, tudo isto exigindo consciência plena do que e como vai ser decidido, ao que a professora Neusa reafirma que tudo isso será o futuro das pessoas aqui em atividade, tanto individualmente como enquanto Campus. A técnica Camila indaga se cada Campus decide em separado sobre sua estrutura, tendo em vista que são três realidades diferentes em que talvez para algum seja mais interessante autonomia e para outros não; o professor Eduardo informa que a discussão está muito intensa e acelerada no Campus FURG-SLS, com quatro reuniões já realizadas onde há algumas posições unânimes, como a presença de um Conselho de Campus; o que se deve definir é como haverá conversação com o Campus sede, como essas decisões vão se conectar em nível com os Conselhos de Unidades, ou onde estará a lotação de cursos e docentes, entre outras várias coisas que vão ter de ser desenhadas; informa que no Campus FURG-SLS houve a criação de um curso noturno de Tecnologia em Gestão de Cooperativas por conta da falta de espaço físico durante o dia, e que mesmo tendo sido definido uma semana antes do processo SISU, foi o único curso que completou as vagas, praticamente todas ocupadas por residentes da cidade e região e, respondendo à professora Neusa, o funcionamento administrativo do Campus FURG-SLS agora está indo até as 22 horas, com a divisão de turnos da Secretaria com uma servidora que atua da tarde à noite. O senhor Diretor então, agradecendo a vinda do professor Eduardo e seu esforço em comparecer em prejuízo de outros compromissos e abstenendo-se até de almoçar para cumprir o horário, considerando o encontro muito produtivo e fundador de bases interessantes para toda a discussão, nada mais havendo a registrar desta reunião finda a mesma às dezesseis horas e trinta e cinco minutos, da qual eu, Lizandro Mello, atuando *ad hoc* como secretário, lavro a presente ata que vai por todos assinada após sua aprovação.